

UMA CRÍTICA PANÓPTICA? ENTRE NORMA E ENIGMA

Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)

Os críticos panópticos¹

*eles discursam
eles mentem
no lugar da mensagem
mas essa história de códigos
confundidos com linguagem
nada tem a ver
eles dizem que são funcionários
mas o discurso é claro:
que(m?) tem o poder do espaço
tem o espaço do poder²*

Sempre dá para o crítico ou estudioso escamotear o confronto entre obra e crítica e passar direto para o seu próprio texto – de crítica. Para mim, o enfrentamento entre obra e leitor é direto e forte. Além de que, não sou poeta nem ficcionista. Minha escrita busca e hesita e a rigor nem tem o poder do espaço, nem o espaço do poder. Quando escrevo é porque penso e sinto. Faço-o por compulsão, por necessidade pessoal e sem a ilusão de arrebatar, comover, levar a pensar e ler e sentir. Escrevo para o não leitor e o não público. Para o não debate. Ou, por obrigação profissional... “E pur...”.

Tenho algumas poucas referências de leitor: as de professores da rede pública – que costumam ser vistos como leitores precários ou incompetentes. Para mim são leitores como outros, gente como eu e me tocam e acho que se tenho alguma tarefa a cumprir, será fornecer elementos para a sua reflexão. Tais leitores têm tido dificuldade em ler poesia. A poesia ou assusta ou intimida. (É a poesia panóptica? Ou

são panópticos os leitores?) Gostam de ler poesia, ou gostavam na juventude. Depois se deram por vencidos. A crítica panóptica também intimida. E a minha? Será, apesar do primeiro movimento, panóptica também?

Quando um autor escreve, tende-se a referi-lo a um tempo. Ainda que o Modernismo esteja festejando seus 70 anos, só para refrescar a memória, cito Benedito Nunes, que, citando por sua vez Mário de Andrade, diz da poesia modernista, que dialoga de alguma forma com todos quantos escreveram depois de sua eclosão:

As matrizes históricas mais próximas de nossa época, como o verso livre, a variedade rítmica, o coloquialismo, o estilo de mistura combinando o elevado e o vulgar, as imagens-choques, o humor, foram conquistas do modernismo (1922), corrente de renovação literária com muito de revolução poética, que também significou, conforme os conhecidos conceitos de Mário de Andrade, a estabilização de uma consciência criadora nacional e a atualização da inteligência artística do país.³

As perguntas de referência para o estudo de poesia são simples - mas não pouco pertinentes. São: "O que é poesia?" "O que é poesia contemporânea?" "O que é belo?" "Quem define o que é belo?". Eu, pessoalmente, no presente texto crítico, ou texto-comentário, tenho ainda outra referência: os poemas de Sebastião Uchoa Leite - dos quais gosto muito (senão não me debruçaria sobre eles). Minhas reflexões ficam desqualificadas por gostar dos poemas? Não creio. Há limites no trabalho da crítica e nos estudos acadêmicos. O limite sou eu - i.é., é o próprio crítico ou estudioso. Não conseguirei ultrapassar estes limites e nem é obrigatório que os conheça. Assim como nenhum autor compõe personagens mais inteligentes que ele mesmo, assim o crítico ou estudioso não poderá fazer um texto mais inteligente que ele - e nem poderá deixar de ter tido uma recepção pessoal e emocionada - para o bem ou para o mal.

A idéia não é patrulhar poemas e poetas. Mas bem que o poeta sente e comenta o patrulhamento.

Cuori ingratí

*Esqueceram-se de nós?
Mas nós
continuamos de guarda:
não nos esquecemos de vocês.
Estamos sempre prontos para
surveiller et punir.*

1987⁴

Uma das formas encontradas para falar sobre poesia é parafraseá-la: não há melhores palavras para falar sobre o poeta e seus poemas do que utilizando-se de suas próprias palavras. Meu problema é atrev-me diretamente a isto, porque, enfim, as palavras do poeta, ele já as usou e de modo ímpar. Não precisa das minhas. Também o leitor não precisa das minhas, que serão menos bonitas - e poéticas - do que as do poeta. Posso pensar e sentir os poemas e tentar transmitir o que me for possível.

Sebastião Uchoa Leite... Para começar, ele tira o sarro de si e, com simpatia, de seus leitores. Como em:

aqui jaz

*para o seu deleite
sebastião
uchoa
leite⁵*

Ele também se diverte aproveitando, como matrizes, versos de outros poetas, como o que faz no poema “Crítica da desrazão”:

Crítica da desrazão

*no meio do caminho
perdi-me na floresta negra
e não soube mais a regra
só havia o tantra e a água primeira
e naufragar-me era doce
nesta dialética.⁶*

Para que fique claro, apresento as correspondências a seguir:

Crítica da desrazão

no meio do caminho

Nel mezzo del cammin (Dante)⁷ e:

*No meio do caminho tinha uma
pedra⁸ (CDA)*

perdi-me na floresta negra

*Eu, B.B., sou da floresta negra
(Brecht)⁹*

e não soube mais a regra

só havia o tantra e a áqua primeira

e naufragar-me era doce

*E il naufragar m'è dolce
in questo mare.¹⁰*

nesta dialética

Sebastião Uchoa Leite dialoga mais de uma vez com Carlos Drummond de Andrade. Como em:

Retorno/Transtorno

O eterno sil o eterno enc o eterno cio o éter

Destes esp destes paç destes espaços

O eterno X o eterno Y o eterno etc.

O eterno (sic)

O eterno das horas seculares e instantâneas

This all-changing word

As eternas colinas ermas

Os eternos espaços infinitos

O eterno termo cambiante

a eterna penumbra o eterno morno

O eterno intermédio o eterno tédio sem remédio

O eterno se o eterno quando

O eterno ora, logo...

As eternas apostas sobre o eterno

Queste parole di colore oscuro¹¹

A larva o torvo o corvo

O que está em torno do

O eterno retorno do eterno ciclo

Os eternos valores supremos do espírito

O que está sobre

O que está além do cógito

Ou aquém do ergo

A eterna gosma cósmica
[...]
O eterno logos
[...]
O metaeterno *o transeterno*
[...]
O eterno? As eternas...
O eco das cisternas ocas do eterno
Erno erno erno
1968¹²

O verso em francês, citado por Carlos Drummond de Andrade em seu poema, é de Pascal: *Le silence éternel de ces espaces infinis m'-effraie*. Uchoa Leite fragmenta as palavras “silêncio” e “espaço” e ainda usa “espaço infinito” - e omite o medo. Carlos Drummond de Andrade transcreve, no poema citado, duas frases de Machado de Assis (de “Eterno!”¹³), que Uchoa Leite não aproveita, talvez por apresentarem o tema do amor humano, evitado por ele. O espaço é ampliado e preenchido com o nada cheio de ecos...

Ou de repente, no fim de poema, ele também pode ecoar Fernando Pessoa:

[...]
Nada é claro nem se revela
*Pois tudo é nada e nada é tudo*¹⁴

1988

Pela análise de Jakobson, Fernando Pessoa enaltece o mito de Ulisses, que tem a ver com Portugal, seu tamanho, sua frustração e o desejo do eterno retorno da glória perdida. É esta a nostalgie de Sebastião Uchoa Leite? Não será a nostalgie portuguesa, mas a do poeta e da matéria da poesia. A constatação da precariedade - e virtual plenitude do fazer poético - leva o poeta a agredir a crítica, a poesia, o mundo, o leitor, ainda e novamente utilizando matrizes provindas de outros poetas e poemas:

*Hypocrite Lecteur¹⁵
e aliás
meu não-semelhante
enfie
onde bem quiser¹⁶*

A poesia de Carlos Drummond de Andrade, matriz de diversos poemas de Uchoa Leite, tem algumas características que, por exclusão ou contraponto com a de Uchoa Leite, ajuda a entendê-la. Carlos Drummond de Andrade denuncia o esgotamento de uma sociedade, a solidão, a perda de valores, o tédio, os crimes, o movimento sem sentido, mas nunca deixa de lado a esperança, tanto para o ser humano - o que é possível graças à extraordinária força de sua solidariedade e à crença inabalável no futuro ("Dentro de mim, bem no fundo, / há reservas colossais de tempo, / futuro, pós-futuro, pretérito [...] meditação e sarcasmo. / Ninguém me fará calar, gritarei sempre¹⁷"), como para a poesia, em cuja eficácia acredita apesar de tudo. Sebastião Ucha Leite, preocupado com a poesia cuja função na sociedade perdeu-se definitivamente, não manifesta, na poesia, solidariedade semelhante. Para ele existe o eu lírico e o poema e se deve haver solidariedade, será com o poema e a poesia. A ironia e humor, que brincam com citações do que seria a tradição, juntam as peças desta enunciação amarga dos mitos perdidos: utopia, nação, terra brasílica tropical e cordial:

*"Ora, direis, ouvir estrelas"
ele ainda espera
ver contente a mãe gentil
nas margens plácidas
desses tristes trópicos¹⁸*

- Olavo Bilac

- Hino à Independência
- Hino Nacional
- Lévi-Strauss

*"Prefiro rosas, meu amor, à Pátria"
never more!
mas ainda se ouvem as gralhas
deste solo pútrido¹⁹*

- Edgar Allan Poe: 'The raven'

Sobre estes poemas de humor (contidos fundamentalmente em *Antilogia* [1972-1979]), diz Benedito Nunes:

Retrai-se a reflexão ao fácil, e desconfiando do profundo, repudia os rituais literários, as motivações secretas e os alvos metafísicos. É nessa clave que um Sebastião Uchoa Leite transpõe para a tônica do humor e a técnica do fragmento em ‘‘Encore’’ e ‘‘A Gosma do Cosmo’’ (Obra em Dobras, 1988), a poesia da poesia:

Encore

[...]
*toneladas de versos
ainda serão despejados
no w.c. da (vaga) literatura
plast!
é preciso apertar o botão da descarga
que tal essas metáforas?
“sua poesia é um fenômeno existencial”
Olha aqui
o fenômeno existencial*

A Gosma do Cosmo

[...]
*Não me venham com metafísicas
o corpo e a matéria em prosa
aqui e agora
nada de primeiros motores
nada de supremos valores
isso fica para os filhos da pátria.²⁰*

Benedito Nunes conclui, no mesmo artigo citado acima, já sobre toda a produção poética das décadas de 70 e 80:

O poeta é a má consciência da sua época, disse Saint-John Perse. Confirmam-no os poetas brasileiros de hoje, marcados por aguda reflexividade sobre o poder e a importância da linguagem, também reiteram o posto paradoxal da poesia no mundo - ao mesmo tempo dentro e fora da história real.²¹

É verdade que linguagem e poesia se encontram mais fracos e desqualificados do que nunca. Mas, a rigor, se penso nos temas poéti-

cos vigentes até o Romantismo (amor, natureza, morte, perda), ou em Baudelaire, alçado a homem de seu tempo (e de sua história real) por Benjamin, acredito poder aplicar a esta poesia considerações semelhantes, isto é, de que “reiteram o posto paradoxal da poesia no mundo - ao mesmo tempo dentro e fora da história real”. Sei que é difícil encontrar palavras que exprimam nuances.

Com as dificuldades advindas da análise de poesia, (Uchoa Leite faz o elogio - irônico - da prosa em pelo menos dois poemas: “Elogio da prosa” e “Não me venham com metafísica”) procurarei me embrenhar por isto que é fragmento, humor, paródia.

Diz Nunes (1991), sobre outros poetas, que não Uchoa Leite:

*Mas aqueles que freqüentaram as vanguardas ou que escreveram no período de sua dispersão, dominam a propensão à glossa e à paródia, resultante do que podemos chamar de esfolhamento das tradições, inclusive da própria tradição moderna. Em geral são poemas contraditórios, que fogem do estilo e procuram-no ao mesmo tempo. Não bastaria o simples estilo de mistura para identificar a oscilação entre o pessoal e o impersonal, o sentimento do cotidiano e a visão cósmica, presente no *De Cor* de Armando Freitas Filho. Nem a linguagem ofensivo-defensiva da autonomia individual, do pôr-se à margem, é suficiente para a compreensão do intimismo confessional de Ana Cristina César de *A Teus Pés* (1982), que glosou Baudelaire (*As Flores do Mal*) e as imagens rimbaudianas, como “alucinação simples”, de *Inéditos e Dispersos* (1985).²²*

Sebastião Uchoa Leite não se retrai ao fácil, procura o profundo de modo pessoal no interior dos rituais literários e, salvo grande engano, tem alvos metafísicos, já que põe em questão temas fundamentais como vida e morte, tempo, espaço, história e memória, amor, às vezes, e mesmo escatologia. O que é desconfortável, em Leite, é que sua concepção de “fenômeno existencial” é plural, incluindo, ao lado do nobre, do elevado, o dejeto. E ele inverte o lugar das metáforas. Não é na literatura que existem as metáforas, mas no mundo:

Encore

[...]

*o que vejo são objetos não-identificados
metáforas em língua d'oc
em que li - não sei onde -
que o mundo é uma metáfora
o ventre do universo está cheio de metáforas
[...]²³*

O que quer dizer, por exemplo, que “Não é possível pensar / a verdade / exceto como veneno”²⁴? Entendo que a busca do poeta é dizer com o mínimo de recursos possíveis, a fim de significar o indizível. Por que contar com tão poucos recursos, se aí está a linguagem para que o poeta dela se sirva? A experiência do poeta, parece, é de uma linguagem também ela desgastada, fragmentada, corroída por modas e vícios. Leite procura dizer o mundo e não dizer a palavra. O mundo tem tudo que precisa para significar-se. E é o mundo o opaco e difícil de ser decifrado. O conhecimento está aí, à disposição. Mas não se revela: precisa ser penetrado. Dai tantos poemas sobre enigma, espião, realidade não simbólica, realidade velada, reflexos, espiritual e caracol.

Quando se fala, hoje em dia, sobre a pobreza da produção poética ou em prosa, quer isto dizer que os poetas não se empenharam em produzir boa obra? Ou que são incapazes de produzi-la? Mesmo que os meios de comunicação, a maior abundância de oportunidades de escrita e publicação possam facilitar a sobrevivência do poeta, no Brasil não encontramos muitos casos de autores que sobrevivem com sua produção artística. Se escrevem e são poetas mesmo, e não apenas comunicadores, é porque se esforçam em comunicar algo novo, diferente. E esta é a grande dificuldade. O que dizer num mundo desqualificado (o capitalismo visto pela esquerda), estigmatizado (o Brasil visto pelos brasileiros), agredido e abusado - “em desordem”?

Reflexos

Acordo de repente e reajo com mal-estar ao relógio virado para o lado em cima do móvel, porque traz a idéia da indiferença. Se, quase, virado de costas, traria a idéia da morte. Os relógios me olham e fiscalizam o meu tempo. Também os fiscalizo,

porque encarnam a idéia da provisoriaidade. Óculos que caem trazem também a idéia mortal da cegueira. E quadros tortos na parede refletem a idéia de desequilíbrio, de todas a que mais perturba. A desordem não é o meu forte. Se as coisas se desequilibram, isso equivale a negar a vida? Mas, o que ela é, se não a desordem?

1987²⁵

Aliás, talvez um dos grandes problemas é que a realidade não seja levada a sério - pelo menos no "balanço filosófico da vida". Leite critica a "conversa e a civilização". Resta corroer o real e a palavra, para que se "in-sinue" a verdade. Ela não será aparente, visível - para fora. Só para dentro ela se revelará. A palavra precisa perfurá-la, avançar em círculos espiralados, qual caracol, para decifrar o enigma.

Quando lemos artigos sobre nosso tempo, com frases como "É na direção da indiferenciação, do nivelamento e da complacência que o vento do neoliberalismo vai empurrando a nau da cultura brasileira. Há reações aqui e lá, há tentativas nos palcos, nas artes plásticas, na área musical. Mas parece imperar o espírito fatalista de capitulação a uma nova ordem que se afigura como inevitável, mas que como escreve Paz, terá um dia seu fim - seja pela sabedoria humana ou pela destruição precipitada pelos seus próprios excessos"²⁶, tenderíamos a acreditar que a produção de um poeta como Leite pode se incluir neste rol. Mas é bom discernir alguns pontos:

1) o catastrofismo cultural pode ser fruto da dificuldade de se atribuir sentido ao que é produzido hoje;

2) toda frase generalizadora enterra todos no mesmo buraco, sem diferenciar - ela - entre valores e desvalores ou menores valores, nivelando em nome do medo.

Não, Leite não se inclui no rol da indiferenciação. Para ele conta o tempo.

O tempo corresponde à inscrição do acontecimento na coisa e na pessoa. É marca da mudança. Preme a psique em sentimentos e emoções que não são suscitados fora do tempo. E é marca de poesia: pausa, silêncio, que dão profundidade à palavra.

*e como dói o belo insuspeitado.*²⁷

Em diversos poemas Uchoa Leite usa de uma técnica que lembra a enumeração caótica. Mais valeria usar o termo nomeação no lugar de enumeração. E nem é caótica. A nomeação obedece a um sistema de ilações a partir do primeiro nome. Representa o sem sentido das coisas e das causas e a separação que existe entre ação e linguagem, ou entre pensamento e fala e sentimento. O ano de redação do poema é de 1966. E Uchoa Leite deseja a integração do que está separado, possibilidade de transformar o signo em gnosis²⁸. Transcreverei o poema, indicando ao lado as repetições sonoras encontradas. Por quê? Porque esta é uma das marcas da poesia, criadora de ritmo, um ritmo que é muito mais difícil de ser percebido na poesia contemporânea.

Noten zur Dichtung 1

<i>A melancolia do mal</i>	<i>mel - mal / col</i>
<i>A solidão do sol</i>	<i>sol - sol</i>
<i>Temor como reverso de morte</i>	<i>e-mor - e-mor-e - omo</i> <i>reverso</i>
<i>A palavra violência</i>	<i>v-ol</i>
<i>Os sóis que giram nos girassóis</i>	<i>sóis - sóis /</i> <i>gira - gira</i>
<i>As sombras ocultas nos escombros</i>	<i>ombr - ombr</i>
<i>Asas do acaso</i>	<i>as - as - as</i>
<i>O que zoa no azar</i>	<i>zoa - aza</i>
<i>A especulação dos espelhos</i>	<i>espe - espe</i>
<i>O que se vê a si mesmo no verme</i>	<i>sê - si / vê - 'vê' /</i> <i>me - mo - me</i>
<i>A morte enquanto metáfora</i>	<i>m-e - me / or - or(a) /</i> <i>te to ta</i>
<i>Zumbidos que zombram (sic)</i>	<i>zumb - zomb /</i>
<i>A vida metade nada</i>	<i>da - de - da</i>

1988²⁹

Separadas as repetições sonoras do poema acima, repetições que Oswaldino Marques chama de consonâncias, ou coliterações³⁰, percebemos que tem células sonoras, responsáveis pela sua qualidade musical. Tem versos livres. Não apresenta recorrências sonoras e rítmicas óbvias, nem intervalos rigorosamente marcados como a poesia

tradicionalista, nem tem temas marcados como aceitos como os poetas contemporâneos consagrados. Toda sua estrutura é antes derrotista para a análise. Mas ainda que não saibamos nomear o que ocorre, Leite - que usa a paródia como forma de repetição sonora, capaz de dialogar com a tradição literária, anuncia imagens - palavras. O que interessa a Leite é o imbricamento, o tecido formado por mundo, realidade, imagem, coisa, e palavra e poema. Daí a liquidez das imagens e palavras, esvaindo-se uma na outra.

Exercício numa mesa metafísica

[...]

*Em tudo um espírito erradio, mas
um ser engarrafado
com a própria liquidez
que toma a forma das coisas³¹*

E vejam que há metafísica, sim. Finito e infinito se enlaçam. A imobilidade é fonte de fantasia, e ao mesmo tempo de liquidez. E do nada, do fragmento que se acusa na poesia contemporânea, Leite apresenta imagens de extraordinária delicadeza (“A tarde era cheia de carícias”).

Leite cria imagens e passa a fazer associações de imagens a partir da primeira. E, como quem não quer, o poeta reúne as duas pontas, começo e fim. Alfa e mega são difíceis de serem representados. Por isto se desvanecem:

Post Card 2

*Uma sombra se alonga
Sob os degraus
A sombra tem chapéu
A escadaria está deserta
Embaixo há luz
A sombra cresce do ângulo esquerdo
A luz é quase mortiça
A sombra hesita
O quadro todo é meia-luz
Tudo parece horas mortas
Não há ninguém*

*Exceto a sombra
Um vulto coberto
Uma atmosfera bruma
Paris gris
Parece film noir
Envolto em silêncio e sombra
Onde se esfuma tudo
1988³²*

O poema começa com “Uma sombra se alonga” e termina com “Envolto em silêncio e sombra” / “Onde se esfuma tudo”. Em vários poemas há construção semelhante, como serpente que se morde o rabo.

Biografia de uma idéia

*ao fascínio do poeta pela palavra
só iguala o da víbora pela sua presa
as idéias são/não são o forte dos poetas
idéias-dentes que mordem e se remordem:
os poemas são o remorso dos códigos e/ou
a poesia é o perfeito vazio absoluto
os poemas são ecos de uma cisterna sem fundo
[ou
erupções sem larva e ejaculações sem esperma
ou canhões que detonam em silêncio:
as palavras são denotações do nada ou serpentes que
mordem a sua própria cauda³³*

É o próprio ouroboros, serpente que se morde a cauda, simbolizando um ciclo de evolução fechado em si mesmo. Este símbolo contém as idéias de movimento, de continuidade, de auto-fecundação e, por conseguinte, de eterno retorno. Circulares, os poemas lembram o símbolo que pode ser interpretado como de união de céu e terra, ou pelo menos de imanência e conhecimento intuído, percebido, desventrado.

É duro aceitar o nada - construído a partir do tudo (o poema) que constrói a sua aniquilação. Para mim, crítica, seria mais fácil a grandiosidade da declaração engajada, claramente. Mesmo que “toda poe-

sia é sempre social”³⁴, Leite escamoteia a angústia, o pesadelo, o desamparo, de sabor social, para digladiar-se com o nada. Diante de Tanatos premente, persistente, Leite canta, em seus poemas, a vida. Mesmo a ironia serve para isto: “e ao vencedor as baratas”. É bom a gente não se equivocar com o humor. Em poema em que ele glamoriza a morte, é ainda a vida que conta:

Pequena estética

*eles dizem
que se deve defender a vida
é a mensagem deles
mas a morte
é tão metafórica
e sexy
é tesão certa³⁵*

Leite escreve o avesso do que afirma. Daí a interpenetração necessária de sua estética. Suas idéias não são fixas: a immobilização feita pelo olhar é que revela o avesso. Tanto assim que ele parte de um ponto para chegar ao seu contrário. O diálogo entre ambos os pontos, entre o limpo e o sujo, contrapõe o raso e o profundo. O que é aludido - imagens, objetos, idéias - não é intercambiável: isto não é aquilo, diz o poeta. O ponto de encontro do conhecimento é o cerne do diálogo: “conceitos vermes”, “grafitti críticos”, “observações ao acaso”, “escritos de gravetos”. Ainda assim, trabalhando com células que ele denomina depreciativamente, porque o mudo é de apreensão difícil, Leite mantém algo fundamental na construção da poesia: circularidade e reversibilidade. Ambos funcionam como níveis superpostos de imbricamentos semânticos.

Dois Tempos A

*De fora para dentro dos meandros do espelho
Do outro lado do espelho a memória dos livros
Dos meandros da memória para dentro de outros
Do outro lado de fora a memória dos meandros
Dos meandros de fora para dentro do centro
Do centro do espelho para dentro dos meandros*

*Do espelho dos livros para dentro da memória
Da memória de fora para o meandro dos livros
Do outro lado da memória o espelho dos meandros
Do centro dos meandros ainda de fora para dentro.*
1970³⁶

A matéria de Leite é tempo, memória, poesia e desqualificação dos três em seu, em nosso, tempo. Reconhece este tempo no qual vive e está inserida sua obra em termos que poderiam ser os de Octavio Paz:

*Num mundo governado pela lógica do mercado, [...] a poesia é uma atividade que não traz retorno algum. Seus produtos são praticamente invendáveis e quase inteiramente inúteis. [...] Para a mente moderna, embora ela não admita isto para si própria, a poesia é energia, tempo e talento voltados a objetos superfluos.*³⁷

A única realidade concreta do mundo é o eu e Sebastião Uchoa Leite só a vê através de si próprio. O eu individual de que se tem consciência, com as suas modificações subjetivas, é o que forma toda a realidade.

O eu lírico dá voz a um olhar que busca desvendar, na caducidade do mundo e da natureza, num mundo que parece sem sentido, um sentido profundo, independente de receptores, do desprezo contra a linguagem. A informação é destilada pelas imagens apreendidas, verdade que se dá a conhecer mas que implica risco. Tudo é, mas simboliza algo - uma verdade e um conhecimento - que o ultrapassa. O segredo está na circularidade do conhecimento da verdade, captável e diluível ao mesmo tempo. A sombra, por isto, ainda constitui o elemento que liga o concreto ao indizível e impalpável.

A modernidade foge da forma épica. Não dá para contar nada de instrutivo a respeito da modernidade. Por isso Benjamin diz: "A história se decompõe em imagens, não em histórias." Talvez possamos aplicar tal conceito a Uchoa Leite. Sua poesia é feita de imagens descontínuas, capazes, contudo, de criar uma cadeia de associações. O trabalho e o movimento, temas já antigos do primeiro modernismo futurista, não produzem experiência, nem conhecimento. O que é está desprovido de memória. O ócio, que tem a energia para penetrar no

passado, cria “as ficções do ser”, que, contudo, não servem para nada. O conhecimento (pensamento) permite lembrança e recomeço. A verdade está no eterno presente.

Quando presentificamos algo passado numa rápida imagem, esta imagem do passado ganha uma concretude mais intensa do que o passado teve na facticidade da história. A atualidade do acontecimento fixado na contra-memória é maior do que a atualidade do acontecimento em seu tempo real.

As imagens da história estão presas ao instante, à mais breve fração de tempo. Estão presentes apenas durante um instante. Não é possível folheá-las e admirá-las contemplativamente, mas é necessário colhê-las num instante extremamente difícil de ser prolongado. Em geral, a gente reconhece este instante só depois de passado, depois de perdida a oportunidade. A experiência normal que temos da história é a de que perdemos a oportunidade de colher a imagem histórica que ela nos oferece. Sobra o lixo, ou bagatela, resíduos que acabam sendo os únicos elementos apreendidos.

Os poemas de Uchoa Leite lêem a imagem da história a partir de seus traços mais modestos, a partir de seus destritos³⁸. Existe uma frase famosa dos Goncourt, “fazer história do lixo da história”. Leite parece trabalhar nesta chave. A história, feita de memória e tempo, não se limita ao tempo dos acontecimentos. Na medida em que figuram as origens ancestrais da natureza humana, re-liga o ser humano à intemporalidade, que é “qualidade”, no dizer de Uchoa Leite. É esta memória do conhecimento ancestral que redime a história e resgata o homem, inerte e estulto, permitindo a retomada. O olhar e o ser colhem o fugaz. Mas a memória do conhecimento, e do absoluto e puro, como a água do rio (que “não se recorda de si mesma”), permite o salto para a consciência única possível: da ciclicidade das coisas no mundo:

*Compreender que o dia é transeunte,
que a claridade é uma forma de transição.*³⁹

*Um salto na memória
cria outro tempo interno e me recria.*⁴⁰

O ser-agora, fugaz, sombra, fragmentário, escória, compõe o seu sentido não no instante, não na história imediata, mas dentro de uma

temporalidade muito mais ampla, com relações metafísicas, sim, simbólicas e míticas, porém indizíveis - se for capaz de aceitar-se pobre e limitado. Aprendendo a conhecer seus limites, ao contemplar o mundo, abre-se para o inesperado e a experiência.

A experiência depende do sujeito. A falácia da subjetividade constitutiva pode ser rompida com a força do sujeito. Todos os poemas partem do sujeito pensante, cuja força só se mantém na crítica, a qual, negativo do positivo, do “sistema”, demonstra que este não é, ou não é mais passível de ser produzido com o pensamento. Esta impotência do pensamento é um indício do falso poder do que existe e desmascara a incapacidade da sociedade de transformar a razão em realidade. A noção básica é a da diferença entre o pensamento e o seu objeto. A parte do objeto que não penetra no pensamento identificador (resíduo?), que o pensamento, por ser geral, deixa de lado, aquilo que o objeto tem de particular seria transformável em conceito; trata-se de não encobrir o individual concreto mediante conceitos generalizadores. O centro do pensamento consiste no desvendamento desta contradição. Este se dá mediante uma dialética que não transforma a sua negação novamente em afirmação, e não coloca, portanto, novamente, um positivo aparentemente reconciliador.

Mas Uchoa Leite não foi assim desde o início de sua produção poética, nem se fez de um dia para o outro. O que é sua poesia hoje é fruto do amadurecimento do conjunto de sua produção. Mas dá para seguir uma trajetória.

Já no início de sua carreira (aos 23, 24 anos, i.e., em 1958-9) Uchoa Leite busca a poesia e o belo através do pensamento. Revela o desencanto da vida; a tristeza com respeito à perda de função da poesia em seu mundo; à busca da poesia que seja um equivalente do que há de belo no mundo: a natureza, pura e absoluta, invejada⁴¹. Tempo e espaço são reais. É preciso saber descobri-los e nomeá-los. Daí sua busca de purificação de intenções e pensamentos, para ser “pura alfaia”. Para surpreender a beleza e captá-la, precisa de uma espécie de metafísica do Belo.

Sua evolução parte para a fase compreendida entre 1958 e 1962, anteriores ao golpe militar. Já então vê a poesia como não tendo lugar na sociedade, o que desqualifica o poeta, seu fazer poético e a poesia. Daí a “morte equívoca”.

Entre 1972 e 1979, em plena fase de ditadura militar, a nomeação-enumeração caótica tentam captar pelo menos os resíduos de vida, ou as manifestações, que são dejetos, detritos. É fundamental notarmos o que está incluído na lista dos dejetos: os “supremos valores”, que ficam “para os filhos da pátria”... Alfa e ômega, identificados com estes “supremos valores” ficam contaminados por seu desprestígio. Resta a poética do aqui e agora, penetrante, restauradora através do eterno retorno. Atenção: O eterno está contaminado pelos “valores supremos” e vira eterno tédio, eterna repetição do não, da morte, do morno, da falta de ação, de luta, de verdade, de beleza. O desejo de eternidade, inconfessado, mantém-se pelo menos para transtornar. Sendo impossível o equilíbrio entre mundo e palavra, só resta incomodar.

Entre 1979 e 1982, depois do pior período da ditadura militar, depois de torturas (não a ele, nem mencionadas em seus poemas) e mortes, aparece, em seus poemas, um tema: a morte é o mistério e a verdade. O crime é o texto.

A última fase registrada vai de 1983 a 1988. O vazio é metafísico. A falta é sentimental. Em vez do “misticismo ateu” de Carlos Drummond de Andrade, em vez da “teologia inversa” de Walter Benjamin, apud Bolz⁴², que consiste na procura do transcendente no imanente, e na busca da felicidade no mundo e não no além, Leite manifesta a nostalgia da Beleza, da Metafísica, da Teologia, da Poesia, da Felicidade perdidos. O discurso com a tradição - sobretudo Carlos Drummond de Andrade - irônico e nostálgico ao mesmo tempo, fixa isto - *last but not least* pelo espaço de silêncio sobre o medo diante da desqualificação do sujeito, do poeta, da poesia e do mundo.

Notas

- 1 – Panóptico não está dicionarizado por Aurélio Buarque de Hollanda. A palavra vem do grego *pan* + *optikos* = visão geral. Mas também é usado para as figuras de cera de um museu, ou galeria de curiosidades em geral.
- 2 – Sebastião Uchoa Leite. *Obra em dobras* (1960-1988). Desenho de Amílcar de Castro. São Paulo: Duas Cidades, 1988 (Col. Claro Enigma) : 65.
- 3 – Mário de Andrade. *O movimento Modernista, Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, s/d: 242. Apud Nunes, Benedito. “A re-

cente poesia brasileira. Expressão e forma". *Novos Estudos. CEBRAP* nº 31, outubro 1991 : 172.

4 – Leite, 1988 : 48.

5 – Leite, 1988 : 140.

6 – Leite, 1988 : 99.

7 – O trecho de Dante é:

*Nel mezzo de cammin di nostra vita
mi ritrovai per una selva oscura
ché la diritta via era smarrita.*

Alighieri, Dante. *La divina commedia*. In *Tutte le Opere*. A cura di Luigi Blasucci. Firenze: Sansoni, 1965 : 389, v.1-3. "Inferno", Canto I.

8 – A estrofe inicial do poema de Carlos Drummond de Andrade, "No meio do caminho" é como segue:

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Drummond de Andrade, Carlos. *Antologia Poética*. 2.ed. Rio: Ed. do Autor, 1963 : 203

9 – A primeira estrofe do poema referido de Brecht é:

*Ich, Bertolt Brecht, bin aus den schwarzen Wäldern.
Meine Mutter trug mich in die Städte hinein
Als ich in ihrem Leibe lag. Und die Kälte der Wälder
Wird in mir bis zu meinem Absterben sein.*

Brecht, Bertolt. *Gedichte I*. In *Gesammelte Werke*. Vol. 8. Frankfurt am Main, 1967 : 261

*Eu, Bertolt Brecht, sou das negras florestas.
(ou floresta negra)*

*Minha mãe carregou-me para as cidades
Quando estive em seu ventre. E o frio das florestas
Ficará em mim até minha última idade.*

10 – Leopardi: "L'infinito".

11 – Alighieri, Dante. *La divina commedia*. "L'inferno" In *Tutte le Opere*.

12 – Leite, 1988 : 150.

O poema de Carlos Drumond de Andrade segue:

Eterno

E como ficou chato ser moderno.

Agora serei eterno.

Eterno! Eterno!

O Padre Eterno,

a vida eterna,

o fogo eterno.

(Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.)

- *O que é eterno, Yayá lindinha?*

- *Ingrato! é o amor que te tenho*

Eternalidade eternite eternaltivamente

eternuávamos

eternissíssimo

A cada instante se criam novas categorias do eterno.

[...]

Andrade, 1963 : 226.

13 – Machado de Assis. "Eterno!". Páginas Recolhidas. In *Obra completa*. Vol. II. Conto e Teatro, Org. por Afrânia Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1979 : 605.

14 – Leite, 1988 : 51.

15 – Charles Baudelaire.

16 – Leite, 1988 : 139. A alusão de Uchoa é mais grosseira que o poema de Carlos Drummond de Andrade, cujo poeta também enfia algo: o dedo no nariz.

Política literária

A Manuel Bandeira

O poeta municipal

discute com o poeta estadual

qual deles é capaz de bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal

tira ouro do nariz.

Andrade, 1963 : 195

17 – Andrade, 1963 : 24 ("Idade Madura").

18 – Leite, 1988 : 123.

19 – Leite, 1988 : 123.

20 – Nunes, Benedito. "A recente poesia brasileira. Expressão e forma". *Novos Estudos*. CEBRAP nº 31, outubro 1991 : 180. Registro uma curiosidade. Há pequena variação gráfica entre o texto transcrita por Nunes e Obra em Dobras propriamente dito ("plotf", em vez de "plaff"). E *A gosma do cosmo* é outro poema:

A gosma do cosmo

*a asma e o espasmo dos orgasmos
miasmas e excrementos
moluscos e lesmas no musgo
moscas no visgo
despejos e despojos
a besta na bosta
piolhos e rabugem
o pus das vísceras
gorgulhos e borbulhos
dejetos e esponjas pegajosas
dos gargarejos cósmicos*

O poema citado por Nunes é "Não me venham com metafísicas", sendo que este é título e não verso.

21 – Nunes, 1991 : 183.

22 – Nunes, 1991 : 179.

23 – Leite, 1988 : 111.

24 – Leite, 1988 : 20.

25 – Leite, 1988 : 45.

26 – Gonçalves, Marcos Augusto. "Neoliberalismo & Neoconformismo" Suplemento "Mais!" ("Ilustrada"). 15/03/1992. Caderno 5 : 4.

27 – Leite, 1988 : 182. Em Carlos Drummond de Andrade encontramos:

Confidência do Itabirano

[...]

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.

Hoje sou funcionário público.

Itabira é apenas uma fotografia na parede.

Mas como dói!

Andrade, 1963 : 44.

Signos/Gnosis

*Girassol girassombra giralfombra
 alfassombra alfassol alfaias*
*Coisas ciosas
 causas ociosas*
*Coisas que são signos
Causas que são gnosis
Gnosis de signos consecretos
 pour bien conduire sa raison
[...]*

29 – O título do poema lembra Theodor Adorno, que tem as suas *Noten zur Dichtung*. O poema está à p.50.

30 – Oswaldino Marques chama rimas como as apontadas de “coliterações”, ou usa um termo mais genérico de “consonâncias”.

Diz ele:

Dar-se-á coliteração, pois, quando se verificar no interior do verso a repetição, por variação cognata, de consonâncias iniciais. Não há dúvida de que a integridade musical da linha, como um todo, deriva da interação dialética das vozes e das consonâncias, numa trama unida [...].

Marques, Oswaldino. “Matrizes estruturais do verso moderno”. *Ensaios escolhidos*. (Teoria e crítica literárias). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968 : 31. (Coleção Vera Cruz [Literatura Brasileira] Vol. 134).

31 – Leite, 1988 : 167.

32 – Leite, 1988 : 52.

33 – Leite, 1988 : 115.

34 – Marques, 1968 : 38.

35 – Leite, 1988 : 69.

36 – Leite, 1988 : 155.

37 – Paz, Octavio. “Poesia e mercado segundo Octavio Paz”. Suplemento “Mais!” (“Ilustrada”), Folha de São Paulo, 15/03/1992. Caderno 5 : 5.

inscrições de w.c.

*"uma coisa é certa
poeta de privada
vive inspirado na merda"*

"Pequenas idéias fixas"
Leite, 1988 : 63.

39 - Leite, 1988 : 168. "Tempus fugit nº 1".

40 - Leite, 1988 : 171. "Teoria do ócio".

41 - Leite, 1988 : 182.

42 - Bolz, Norbert: conferências pronunciadas no Instituto Goethe, São Paulo, 1990.

